

**Uma análise sobre os aspectos marcantes das identidades
do tempo (a infância) e do espaço (a cidade) “presente”
nas estórias da obra *A Cidade e a Infância*,
de José Luandino Vieira**

Felipe Machado de Moraes

Setembro 2006

Somente renovando a língua é que se pode renovar o mundo.

Guimarães Rosa (*in* Lorenz, 1983)

1. Introdução

Como proposta de analisar, através da literatura, a construção dos estudos pós-coloniais (e culturalista) no espaço da Língua Oficial portuguesa, o presente estudo tem o objectivo de condensar e reflectir os aspectos relevantes da identidade da cidade de Luanda marcadamente sobre as descrições do “tempo” e do “espaço” registrado nas estórias do livro *A Cidade e a Infância*, de José Luandino Vieira.

A autenticidade cultural e o esforço em ampliar estéticas e apresentar um novo estilo reverenciavam as massas populares ao incluir em suas estórias a simplicidade e as cenas das vidas nos *musseques*¹ de Luanda, até então, carentes de expressividade cultural. Em *A Cidade e a Infância*, Luandino rompe a eloquência dos estilos literários e anuncia a urgência pelo reconhecimento identitário dos espaços de um tempo específico em Luanda, aproveitando-se do oximoro para evidenciar a ironia e uma elegante crítica ao discurso dominante da época. Dessa forma, o estilo marginal da escrita e das vozes dos personagens de Luandino tornam-se, assim como o autor, exímios porta-vozes da realidade dos *musseques*.

O escritor que personificou o nome da capital angolana, Luanda, em seu nome, nasce José Vieira Mateus da Graça e toma por eterno empréstimo o nome de *Luandino* como uma declarada homenagem a Luanda, espaço incondicional e marcante na sua vida e para sua literatura. Dessa homenagem, torna-se mais conhecido como José Luandino Vieira, cidadão angolano de grande participação nos movimentos de libertação nacional e forte contribuição para o nascimento da República Popular de Angola.

Antes de projectar uma análise face ao tempo (a infância) ao espaço (a cidade de Luanda) através das estórias em *A Cidade e a Infância*, o trabalho que ora se apresenta será dividido em três partes.

Na primeira parte, no caso de José Luandino Vieira, faz-se necessário melhor conhecer o autor, saber os aspectos que impulsionaram a criação da obra, a contextualização do período no qual o livro foi escrito, assim como conhecer as características pós-coloniais no registro de diversas vozes presentes na ficção das histórias registradas em *A Cidade e a Infância*. Dessa forma, acredita-se ser importante e determinantemente recomendável para o entendimento e a maior compreensão de aspectos sociais, políticos e culturais, promotores de uma literatura engajada e decalcada na identidade angolana o que será melhor apresentada nas seguintes partes do actual trabalho.

A Cidade e a Infância é um livro que certamente marca todo o percurso literário de Luandino, não apenas pelo fato de ter sido o primeiro livro, mas certamente pelo fato de ser um dos poucos livros escritos fora dos pavilhões prisionais, antes de uma longa etapa de reclusão ao longo dos onze anos de prisão, e portanto ainda em liberdade vivificada em um tempo de infância em Luanda. É essa Luanda da memória, a Luanda que o autor sempre fará emergir em muitas de suas histórias registradas em muitos de seus livros. A Luanda da memória, mas também a Luanda imaginária em busca de um tempo perdido, das histórias que externavam os *musseques* e sua gente para fora de Angola sem exotismos.

Um livro inaugural de uma obra que nasce para revelar as diferenças e rupturas sociais provocado pelo regime colonial que, em contra partida, encontravam nas histórias de Luandino, uma abertura para erguer o clamor para justificar uma independência política. O exercício de visualizar, analisar através do livro *A Cidade e a Infância* aspectos marcantes da identidade em Luanda e, se defrontar com um espaço que historicamente foi criado um campo de aculturação de sua cultura, com a chegada dos colonos portugueses, merece o exercício utópico sobre a realidade histórica nos espaços de Luanda.

Dessa maneira com o objectivo de apresentar os aspectos marcantes da escrita como canal para afirmar a necessidade da construção da identidade angolana, o livro *A Cidade e a Infância* de Luandino é inicialmente lançado num período de grande representação da literatura que marcou a pré-independência de Angola. A perspectiva pós-colonial das interpretações das estórias registradas em *A Cidade e a Infância* talvez proponha revelar os aspectos de um período histórico de clamores pela descolonização, pela reversão do processo colonizador português. Diante da ambientação de seu surgimento nos cabe questionar: como em *A Cidade e a Infância* se produz um espaço e tempo de maneira a caracterizar uma escrita esforçada em revelar aspectos sociais e políticos enunciados de Luanda imersa no período colonial? E mais, esses elementos são marcantes para o constante exercício em defesa de uma identidade em meio a ruptura de espaços e tempos presentes no livro? É através dessas interrogantes que o presente trabalho vai tentar elucidar os aspectos marcantes do espaço e tempo de construção das estruturas identitárias em Luanda.

Segundo Maria Aparecida Santilli, os livros africanos "gerados no espaço ou no tempo da África colonial, quase sempre viveram sua primeira infância como os filhos proibidos: às escondidas, na marginalidade" (Santilli, 1985: 5). Talvez um dos grandes esforços do presente trabalho, reflectido pela dedicação ainda maior da obra de José Luandino Vieira (aqui destacadamente em *A Cidade e a Infância*) é de revelar, emergir, trazer à tona toda essa ocultação cultural que Luandino tentou e tenta projectar em seus livros.

Com a oportunidade de escrever e revelar por onde é possível conhecer aspectos marcantes de contribuição para um resgate da formação da identidade de forte referencias no espaço e no tempo, Luandino, já em suas primeiras estórias, revela-se um peregrino, profundamente autobiográfico. Deixa-se revelar como um peregrino para dentro de si, interno e projectado um espaço saudoso e em busca do tempo perdido. Dessa forma, Luandino convida o leitor a dividir esse espaço, onde a

literatura se veste das ficções retractadas nas estórias entre um espaço e uma época. Assim é *A Cidade e a Infância*, que tentaremos analisar no presente trabalho, uma literatura que passados quase 50 anos após o seu primeiro intento de lançamento e publicação ainda hoje transcende, de tempo não linear, que revela em seus primeiros textos a universalidade dos gestos e da fala angolana recuperados através da sensibilidade nas escrituras de José Luandino Vieira.

A observação em busca dos detalhes, o experimento da vivência nos *musseques* e o convívio de uma cidade de diferentes realidades, faz da observação e literatura de Luandino uma via comum entre diferentes culturas, uma ponte, via da tradução entre o mundo do colonizador e a essência crioula dos *musseques*. Para melhor analisar o exercício de externar, através da literatura, aspectos de formação da identidade no espaço de Luanda, como é o caso da literatura de Luandino Vieira, faz-se necessário revisitar a história anterior e posterior ao período de independência de Angola, para melhor situar o período presente de globalização e conflitos. Tais motivos estreiam com a obra *A Cidade e a Infância* e fazem de Luandino um conhecido escritor que constrói uma literatura de intervenção social e crítica política.

A segunda parte do trabalho sob o título de uma literatura em defesa da identidade de Luanda: a “*cidadecidade*” - a idade da Cidade e a “*infanticidade*” - a idade da Infância, contemplará as referências a identidade do espaço, reflectidas as transformações sociais e as diferenças provocadas com a presença colonizadora dividindo o espaço da cidade de Luanda, a *cidadecidade* (*duplicidade*) e no tempo da memória projectada na infância, a *infanticidade* (a idade da infância na cidade).

Identificar a *infanticidade* através de *A Cidade e a Infância*, Luandino não descarta a oportunidade, logo em seu primeiro escritos, de revelar as marcas, descobrir as feridas, das fracturas produzidas pela tragédia da dominação colonial na cidade de Luanda. Para isso Luandino adopta e destaca através do próprio título do

livro em estudo, *A Cidade e a Infância* meios de fortemente revelar o espaço e o tempo o que no presente trabalho será denominado de *Cidadecidade* e *Infanticidade*, tornando a idade (o tempo) presente, longe de um espaço-comum onde a tipificação da identidade se dá através de uma constante mudança, de um “devir”² de processos dialógicos, ou como bem denomina Boaventura de Sousa Santos, em prol de uma mudança de “identificações em curso” (Santos, 2004: 55).

É esse esforço de confrontação entre o espaço (*cidadecidade*) e tempo (*infanticidade*) que tentaremos analisar na segunda parte do presente trabalho através dos registos no livro *A Cidade e a Infância* que tentará se aproximar das identidades, dos cenários e personagens de Luanda fazendo confronto a realidade com a inventividade peculiar da escrita de Luandino para a abertura de espaços e tempos “outros” que de igual maneira compõem e contrasta com os cenários culturais de Luanda, denunciando a xenofobia e o desejo de resistência e os processo de luta contra a dominação colonial. O nascimento de *A Cidade e a Infância*, assim como no período pré-independência, onde o inevitável aparecimento de um “outro”, avulta a presença próxima de um “inimigo” claramente identificado. O exercício de fazer emergir, através da literatura, as marcas do período colonial e as tensões sociais de Luanda tornam-se e a complexidade de construção dos processos identitários, é o destaque mais evidente do trabalho de Luandino onde tem *A Cidade e a Infância* como primeiros registos de denuncia e (re)criação da identidade entre espaços e tempos diferentes.

A terceira parte de análise do presente trabalho contemplará a visualização dos aspectos marcantes através das estórias registradas no livro em estudo. *A Cidade e a Infância*, livro que acolhe 10 estórias,³ será aqui analisada através de um contexto pós-colonial (de acordo com as perspectivas propostas na primeira parte do trabalho) com o objectivo de identificar os primeiros aspectos de uma característica literária de sobrevivência e defesa da identidade no espaço muito bem delimitado da

cidade de Luanda. A reflexão sobre os aspectos identitários presente nas estórias e nas memórias do livro em estudo, ganha uma forte conotação de coesão e proposta definida para revelar por um lado, o momento histórico angolano em meio aos esforços da luta de libertação angolana, e por outro lado os tempos de ditadura salazarista. Dessa forma, compreender as peculiaridades do contexto histórico de surgimento do livro *A Cidade e a Infância*, é um exercício de firmar aspectos formadores de uma identidade angolana das margens de um ambiente de forte colonização portuguesa que agia com impedimentos e repressões frente as expressões e manifestações culturais surgida nas colónias transformando *A Cidade e a Infância* em álbum de retratos e estórias da história de Luanda. O livro apresenta uma estrutura narrativa, em sua maioria, em português, ao contrário dos seguintes livros de Luandino que já marca uma forte presença do quimbundo,⁴ fazendo mescla e abrindo espaço diante da língua do colonizador. A proposta por uma transição de olhares, saindo da rigidez dos padrões culturais europeus para apresentar um feliz intercâmbio entre diferentes culturas pode ser acompanhado ao longo do envolvimento literário em *A Cidade e a Infância* que transborda cenas de um tempo feliz onde se sentia a “crioulidade” da vida.

Melhor compreendendo a história do autor, as marcas identitárias do espaço e tempo e principalmente os registros das estória do Livro *A Cidade e a Infância*, espera-se, com a divisão dessas três partes que o presente trabalho possa lograr superar o desafio lançado pela presente pesquisa e que será melhor analisada nas páginas seguintes deste trabalho.

2. A Graça⁵ do José ou o José “da Graça”? O Luandino de *A Cidade e a Infância* e as Marcas de uma Literatura Pós-colonial

José Luandino Vieira nasce em 1935 em Portugal com o nome de José Mateus Vieira da Graça. Ainda criança, com apenas três anos, parte com os pais para Angola, país que mais tarde adoptaria como seu, rebaptizando-se e registrando em seu nome, Luandino, uma nítida homenagem a capital angolana (Luanda). O espaço e as marcas de Luanda não apenas ficaram registrados no pseudónimo, a homenagem também identifica o desejo e a dedicação pela causa da libertação nacional angolana. Viveu a infância e juventude em bairros simples (*musseques*) onde a observação da vida e os factos marcantes da época, serviram para moldar a estrutura social de grande inspiração do espaço e do tempo em Luanda.

Anterior a primeira publicação (primeiras versões) do livro *A Cidade e a Infância*, a precocidade e literária de Luandino, ainda aos dezasseis anos, se dá com o conto intitulado “O Cartaz”, publicado nos registros do Liceu “O Estudante” em 1952. Nos seguintes anos, publica em várias revistas (em especial na revista *Mensagem*) juntamente com outros jovens escritores. Em 1957⁶ Luandino Vieira estreia, através do compêndio de estórias, a primeira versão do que em 1960⁷ seria conhecido o actual livro em estudo, *A Cidade e a Infância*. Considerado como o primeiro autor ficcionista de autêntica literatura angolana, mais adiante, Luandino torna-se nome de destaque na geração de 60 na cena literária africana de expressão da língua portuguesa. Segundo Russell G. Hamilton: “José Luandino Vieira é um produto feliz do paradoxo do sistema colonial português. Isto é, filho de colonos humildes, ele foi criado em bairros populares onde conviveu com meninos das três comunidades rácico-sociais, e não só observou, como também participou da vida crioulo-kimbundu dos *musseques* e da zona urbana” (Hamilton, 1981: 130).

Sendo considerado um dos escritores de maior contribuição e autêntico representante da cultura e aspectos de formação da identidade angolana, a

trajectória de José Luandino Vieira deixa marcas ao integrar a geração da Revista angolana *Cultura* adoptando um estilo diferencialista da linguagem, conta a verdade e os factos históricos da geração de 1960 através da sátira e da ironia de seus textos.

Um dos principais interesses pelo estudo projectados na obra inaugural de José Luandino Vieira dar-se ao descobrir que o livro *A Cidade e a Infância*, quiçá, foi um dos poucos livros em que Luandino realizou ainda fora das prisões por onde passou 11 anos detido. Em 1959, Luandino é preso pela primeira vez na cadeia de São Paulo de Luanda durante um mês. Em 1961 voltar a ser detido em Lisboa e condenado a 14 anos de prisão, cumprindo 11 anos de total reclusão, entre a prisão de Luanda e o campo de concentração de Tarrafal de Santiago em Cabo Verde, por acusações de actividades anticolonialistas. É libertado apenas em 1972, sob regime de residência fixa e vigiada até a derrocada do 25 de Abril de 1974, onde pode finalmente voltar a Angola e em 1975 e fundar a União dos Escritores Angolanos.

O período após o primeiro intento de publicação do livro *A Cidade e a Infância*, durante a década de 1960 e 70, reforça ainda mais as convicções e as críticas políticas em defesa da construção pela cidadania e identidade de Angola com destaque para os espaços e tempo da cidade de Luanda. Através desse perfil, e contrário aos interesses impostos pela administração colonial em Luanda, José Luandino Vieira envolve-se com a luta do MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola) no intuito de encontrar autonomia e alternativas para combater o ambiente de fracção social provocada pela ruptura dos espaços de Luanda.

Diante de um longo período de reclusão, em plena juventude, certamente as imagens e os testemunhos presenciais registrados antes da prisão e registrados inicialmente em 1957, ano do primeiro intento de lançamento de *A Cidade e a Infância*, acompanharam e fortemente influenciaram José Luandino Vieira em suas demais obras, muitas delas produzidas nas prisões por onde passou. Dessa forma, tal estudo ganha importância em tentar perceber aquilo que talvez esteja sempre

presente em seus seguidos livros, ou seja, a forte presença de um espaço e de um tempo que ficou na memória. O esforço e a lembrança por um tempo de liberdade que se busca a todo momento e que certamente está registrado nas estórias que compõem o livro *A Cidade e a Infância*. Daí, o requinte em perceber que este livro foi pensado, sentido e escrito no local de onde se enuncia as estórias. O Luandino que pisa a terra vermelha dos *musseques*, que fala e introduz as falas dos personagens em quimbundo, abrindo espaços para a língua portuguesa “angolanizada” através de um tempo espaço que já não existe mais, ou até quem sabe, só existiu na mente, memória do jovem José Mateus Vieira da Graça, dos registros de sua infância na cidade de Luanda. É exactamente esse o diferencial da obra *A Cidade e a Infância*, a percepção da confluência entre a vida real do autor com o tempo espaço do livro.

Sem querer fazer confusões com o título do livro, ao qual sempre será representado neste trabalho com letras maiúsculas, a cidade e a infância de Luandino são na verdade o marco, o porto de partida, transportando as estórias do livro confluindo com a sua própria história de vida, decidindo levar a barca da lusofonia para navegar nas margens, erguendo a bandeira das causas libertárias.

A partir de *A Cidade e a Infância*, Luandino penetra cada vez mais na marginalidade da vida para denunciar as feridas coloniais e as marcas sociais de Luanda. Dessa forma, Luandino vai fortemente marcar o lugar de enunciação de suas estórias o que merecerá neste ensaio, um tópico para melhor entender o espaço, assim como o tempo em que a cidade e a infância se ergue. Dotado de um experimentalismo radical, *A Cidade e a Infância* é a prova de que desde o início de sua obra Luandino já desponta a escolha por uma literatura de interesse e projectos estéticos-ideológicos através de estórias de marginalidade e desencantos com a força do convívio de intervenção colonial dos brancos portugueses e os personagens dos *musseques*. Desenhando esses cenários marginais, Luandino vivifica suas estórias

participando das mesmas, de maneira que algumas estórias em *A Cidade e a Infância*, pode-se confundir o narrador com a fala do personagem. Dessa forma, todos os personagens ou são ou conhecem as várias formas com o qual Luandino apresenta-se em seu primeiro livro. Da igual maneira, com que o livro cria espaços para a presença do autor, também convida para a interação dos espaços a presença do leitor para compor os cenários das estórias, passear e melhor conhecer o espaço da Luanda de uma infância como fronteira entre diferentes espaços. A fronteira de asfalto que dividia a graça da cidade de cimento e a (des)graça da cidade de pau a pique.

Luandino Vieira e seu peculiar estilo literário que faz nascer já em seu primeiro livro, marca o que viria a desencadear posteriormente em suas publicações uma referência revolucionária dentro e fora de Angola. Em Portugal, Luandino faz nascer um sentimento que evoca a liberdade de expressão e um exemplo de como a literatura pode servir de ferramenta de inconformidade frente ao descaso social e imposição política.

Em *A Cidade e a Infância* nasce o autor que desde o início de sua obra literária procurar parir um grito novo, uma possibilidade de ver e sentir a construção da identidade de uma Luanda cercada de uma encenação colonial que escondia a verdade social de superação das diferenças através de uma literatura e cultura renascida e recriada, que salta das terras vermelhas dos *musseques* e ganha espaço e tempo na identidade de Luanda. Dessa forma, as marcas de identificação pessoal com o livro *A Cidade e a Infância* acompanhará a continuidade da obra de Luandino esse notoriamente ainda não totalmente construído o que nos leva a aceitar que o Luandino que é apresentado em seu primeiro livro, ainda é o jovem livre, o José que ainda carrega o consigo o “Mateus da Graça” no nome.

***A Cidade e a Infância* - Uma literatura pós-colonial**

Com letras tecia palavras que faziam o mundo.
Fabricantes de palavras. Fabricantes de mundos.
Anónimo Africano (*apud* Buarque, 2002)⁸

Para melhor ilustrar o ambiente de fractura presente nas estórias em *A Cidade e a Infância*, em especial o relacionamento de Portugal como suas colónias, aqui mais referidamente na capital Angola, os espaços de Luanda, vale recorrer de alguns aspectos marcantes da história para melhor compreender e situar a época e os acontecimentos marcantes que rodeiam o surgimento do livro e o autor em estudo.

Passado o Golpe Militar de 1926, emergia em Portugal um regime autoritário de essência fascista, perdurando mesmo após a “remodelação” de 1933 durante a ascensão ao poder de Oliveira Salazar onde a denominação de um “Estado Novo” maquiava o que realmente continha nas políticas ditatoriais de controle Salazarista que permaneceu no poder durante 35 anos. O Estado Novo regulava e perseguia opositores de seu regime através da ostensiva polícia política, a PIDE (Polícia Internacional e de Defesa do Estado). A ideologia do regime político português, sustentava uma manutenção e um controle das colónias do Ultramar, diferentemente dos demais países europeus que já nessa altura, desfaziam-se de seus espaços coloniais. A insistência em manter uma política de força, obrigou a partir dos anos 60, uma forte intervenção de defesa militar nas colónias frente a formação de grupos de luta pela independência em Angola assim como em Moçambique e Guiné.

As estórias em *A Cidade e a Infância*, apesar do conhecimento tardio por parte de imensa maioria de seus leitores, nasce exactamente e em uma época onde o espaço, constituído como cenário das estórias remetem para a Luanda dos anos 1940-50, uma cidade marcada pela crescente fractura de dois diferentes espaços, dividia

após a deslocação e chegada dos representantes colonizadores portugueses a partir da década de 1930.

Muito antes de ser considerado uma literatura pós-colonial, *A Cidade e a Infância* é, pela época de seu lançamento, muito mais um livro com denúncias de uma apartação social de diferentes espaços que clama por uma descolonização em seus diversos aspectos inseridos em suas estórias. A descolonização em virtude do enfrentamento de um longo processo colonizador entre culturas distintas onde o período da força opressora do colonizador ainda esta muito presente deixando profundas feridas no povo colonizado e problematizando ainda mais a construção, afirmação e reconhecimento de um conceito de identidade em Angola, especialmente numa cidade como Luanda.

A sensibilidade de compreensão dos diferentes espaços dessa Luanda, apresentando esboços de um desejo forte de afirmação da identidade luandense através das estórias de *A Cidade e a Infância*, é até então um exercício em tentar compreender uma realidade incompreensível mesmo após o intento de descolonização que aconteceria mais tarde com o 25 de Abril de 1974 (ou Revolução dos Cravos). O levante militar que ficou mais conhecido como o 25 de Abril, promoveu a ruptura entre as colónias e o regime político que perdurava em Portugal desde 1926 e foi conduzido, por oficiais intermédios (em grande maioria capitães) que tinham participado e conhecido a realidade da Guerra Colonial de perto. Diante do ocorrido, o governo português foi obrigado a ceder as exigências dos jovens militares apoiados pelas organizações de movimentos populares nas colónias, abrindo espaços para a liberdade entre os diferentes espaços de separação e controle da colonização.

Como proposta recorrente à temática dos estudos pós-coloniais, José Luandino Vieira, focaliza dois diferentes lados através da sociedade luandense, processo pensado pelo lado colonizador e o processo sentido pelo lado colonizado.

Considerado um autor exemplar para a denominação de uma literatura pós-colonial, pelo forte exercício de intervenção social, Luandino rompe a eloquência dos enquadramentos estéticos da literatura convencional e abre espaços para ouvir as “margens”, deixar falar novas vozes, e assim permitir que as histórias, muitas vezes, sejam contadas através de personagens até então silenciados pela história. Esse exercício de mediar diferentes mundos faz da literatura de Luandino uma ponte entre diferentes culturas e abre novas perspectivas, percorrendo o contra caminho da colonialidade do poder e do saber. Segundo Shirley de Souza Carreira: “academicamente, o termo ‘pós-colonialismo’ se reporta a uma série de estudos centrados nos efeitos da colonização sobre as culturas e sociedades colonizadas, que busca trazer à baila as vozes das culturas e dos segmentos sociais periféricos” (Carreira, 2003). Nesse contexto, a produção literária de Luandino oferece um forte exercício para externar os sentimentos em quimbundo, fincar o desejo de firmar a identidade angolana e representar as vozes dos *musseques*, de registrar as oralidades cotidianas, vozes que denunciavam a diferença e que gritavam por independência. A contribuição da escritura de Luandino torna-se então palco para revelar e evidenciar tais aspectos da identidade angolana a fim de encontrar lugar para as várias manifestações de expressão que marca a sua regionalidade, seus costumes, valores e crenças de Angola. “Os assim chamados *estudos pós-coloniais* focalizam, portanto, as manifestações culturais, entre elas a expressão literária, das nações que conquistaram sua independência após um longo período de dominação política e cultural” (Carreira, 2003).

No entanto, ao examinar detalhadamente esse longo período de dominação promovido pelo processo colonial, muito presente durante o período de lançamento do livro em estudo, podemos observar que mesmo após a independência das colônias, muitos aspectos da colonização maquiados com a proposta de globalização ainda atormenta o reconhecimento das diferenças e respeito pela construção de processos

identitários. Por isso, faz-se necessário melhor conhecer o local de partida de onde ecoam as histórias presente em *A Cidade e a Infância* que identificam Angola e os distintos espaços de contradição e convívios sociais da cidade de Luanda.

O alargamento da proposta pós-colonial e culturalista, abre portas e janelas para o surgimento de outras literaturas, de maneiras que essas possam conviver e aprender com diferentes experiências culturais, estilos, linguagens promovendo assim uma ponte entre tempos, espaços e culturas. Segundo Fernando Augusto A. Mourão:

O preconceito que ainda hoje se registra em relação à África decorre razoavelmente do fato de que na medida em que a pesquisa relativa à pré-história, à economia e mesmo à antropologia está ainda por fazer, no sentido das inter-relações, surgem posições a partir de informações incompletas, que de acordo com a autoridade da fonte, se tornam elementos de explicação geral, sem levar em linha de conta os tempos e os espaços africanos;

[...]

O desconhecimento no campo da história de África tem levado a uma série de reduções, de simplificações, que ainda hoje fazem escola (Mourão, 1993/94: 21-2).

A crise social, em muitos aspectos que ilustram histórias em *A Cidade e a Infância*, como exemplo de construção de uma literatura comprometida em elucidar aspectos da construção do espaço de Luanda, denunciam as mudanças locais devido a intromissão e aculturação do colonizador nas práticas sociais, na administração pública, organização dos espaços e modelação cultural, revelando ou provocando o surgimento de um espaço de ruptura e crise das relações e comportamentos entre colonizadores e colonizados.

Pós-colonial ou descolonizante, o certo é que o modo narrativo de Luandino em *A Cidade e a Infância* já indica a multiplicidade de vozes, onde de um só autor

planta uma diversidade de enunciadores e vozes antes ocultadas por um processo de colonização através da língua e nos limites da humanidade.

3. Uma Literatura em Defesa da Identidade de Luanda: a “cidadicidade” - a idade da Cidade e a “infanticidade” - a idade da Infância.

Todas as identidades são dançantes.

Boaventura de Sousa Santos (2004: 55)

Analisando *A Cidade e a Infância* é inevitável observar que o estilo de estreia literária de José Luandino Vieira aponta para um exercício de contextualizar a fragmentação da identidade luandense, os problemas sociais, reivindicando o despertar para uma consciência nacional. Diante disso, e já ciente de alguns aspectos históricos necessários para a compreensão as marcas colonizadoras em Angola, sobretudo do espaço da cidade de Luanda.

A Cidade e a Infância e o momento histórico que ambienta a composição do livro, inevitavelmente conduzem a uma análise em que uma narrativa ficcional traduz-se numa reflexão frente a construção da identidade comum de Luanda em meio as margens da colonização portuguesa e aos vários registros de exemplos de desigualdade social e de pobreza provocada.

Tal denúncia dos problemas sociais, muito presente na literatura de Luandino, nasce da necessidade de revelar aspectos de afirmação da identidade do espaço e tempo, sobre tudo, em Luanda. Compreender os aspectos que reafirmam a necessidade de resgate da identidade do espaço e tempo de Luanda, nas estórias do livro *A Cidade e a Infância*, é se defrontar com contradições e disparidades onde a

multiplicidade étnica ganha características marcantes para construção da sociedade angolana.⁹

O desenho da Luanda multi-étnica adorna muitas das estórias, identifica processo de identidade registrado através da língua que dá a fala de seus personagens, como podemos acompanhar em diversas cenas presentes nas estórias, como por exemplo:

Disse que o homem branco não presta, só faz mulatos e depois quando vai no Puto deixa só negra com os filhos, como quando vai no capim fazer as coisas e nem tapa, como fazem os gatos (Vieira, 1977: 122).

E as vezes passava também aquele negro velhinho, o Velho Congo. E os pequenos negros, mulatos e brancos, calções rotos e sujos, corriam-nos à pedrada, e depois fugiam para a casa gritando Velo congo uáricooooongooo (*ibid.*: 102).

O próprio Luandino, em entrevista concedida a Margarida Calafate Ribeiro, explica o processo de escolha pelos registros através das vozes seus personagens.

A linguagem dos bairros populares onde cresci, era parte integrante e definidora da identidade das minhas personagens e, portanto, o caminho era por aí. Estas personagens já estavam na literatura angolana, só que nunca tinham sido personagens centrais, isto é, aquelas em função das quais tudo se articula (Ribeiro, 2006).

Tal cenário onde quase sempre a voz dos personagens representam as marcas da diferença, da fractura social, toma a questão étnica para desenhar contradições e apartações através do racismo perante uma Luanda de erguida por uma diversidade social.

O forte teor de racismo presente na estória de Faustino, vai caracterizar as marcas de uma Luanda onde os espaços e sobretudo a raça impõem marcas e

diferenças. Tais diferenças, motivo de insistência em varias representações ao longo de *A Cidade e a Infância*, é fruto de um desejo em fazer expor as génesis de um racismo através da colonização fortemente presente nos aspectos de formação da identidade (especialmente) cultural, de espaços de fronteiras e hierarquização social que marcaram a história de Luanda durante a década de 1940. A pintura do quadro por onde passeiam os personagens de Luandino em *A Cidade e a Infância* vai apontar para um espaço de ruptura da vida social, distanciamento desejo de domínio de uma cultura (supostamente forte) frente a outra (supostamente fraca). A insistência em querer afirmar tal relação de superioridade entre diferentes culturas vai marcar a cidade de Luanda, nos séculos XIX e XX, onde o conceito de raça insiste em hierarquizar as raças colonizadoras e colonizadas.

O período que marca por excelência a primeira publicação de *A Cidade e a Infância*, 1957 emana para uma época onde a presença do branco colonizador ameaçava as ideias que sustentavam a necessidade de uma identidade dos espaços de Angola e essas marcas de um relacionamento de colonização do outro, identificado pela raça, ganha em Luanda, um carácter ainda muito actual.

As marcas das discrepâncias étnicas de um tempo e num espaço certamente não serão totalmente explicadas no presente estudo devido ao difícil exercício de identificar e definir as causas conflituosas de ruptura e divisões étnicas-raciais da cidade de Luanda. No entanto, é possível perceber e apontar, através dos registos de *A Cidade e Infância*, alguns exemplos de acontecimentos que notoriamente marcaram o processo de construção da identidade ao longo da recente história da cidade de Luanda registrados pelos personagens do livro.

Certamente o que está bastante claro diante da tentativa de elucidar as causas da diferença dos espaços de Luanda é de como a língua pode ser usada como arma para definir a identidade do espaço. Dessa forma, emana da proposta de Luandino a utilização de artifícios para caracterizar as falas dos *musseques*, e, com

isso, as marcas identitárias dos espaços de Luanda através da utilização de supressão metaplasmiática¹⁰ ou por aférese¹¹ em várias estórias, por exemplo:

- Vem p'ra casa, Toninho! Se t'apanho... (Vieira, 1977: 84).

- qu' é qu' o lobo tá fazer? (*ibid.*: 107).

- Zito, 'tás acordado? (*ibid.*: 109).

- Qu'havemos de fazer? (*ibid.*: 114).

Como nas palavras de Don'Ana (*ibid.*: 124).

- 'inda hás de ter um filho meu! (*ibid.*: 130).¹²

- Bom dia m'nha senhora! M'to obrigado m'nha senhora! (*ibid.*: 145).

Esse artifício literário transporta a fala, as vozes dos *musseques*, para a escrita de maneira inalterada, defendendo a autenticidade da língua viva, mesclando o modo da fala popular com a escrita. Transformando palavras quebradas em ideias inteiras.

A perspectiva pós-colonial identificada na narrativa de Luandino em *A Cidade e a Infância* permite contudo que o leitor faça uma leitura interrogativa, de questionamentos diante do espaço e tempo por onde passeiam suas estórias, sendo necessário olhos e ouvidos atentos para descobrir uma Luanda inicialmente apresentada em seu primeiro livro e revisitada nas outras obras de Luandino.

Essa supressão metaplasmiática das palavras, representadas no livro, também podem servir para denominar a falta de liberdade provocada nos espaços marginalizados, a ruptura da intervenção colonial e os cortes identitários, criando

uma apartação social deixando profundas marcas numa Luanda metapasmática, ou seja, que suprime espaços, permutam tempos ou transpõem sentidos. Porém essa ruptura esta sempre acompanhada do desejo de liberdade onde o registro das vozes dos musseques exprimem a esperança de voltar a ver se sentir a Luanda liberta, fazendo lembrar o célebre poema de Agostinho Neto, *Havemos de Voltar*.

...À bela pátria angolana
nossa terra, nossa mãe
havemos de voltar

Havemos de voltar
À Angola libertada.

Agostinho Neto

E quem volta? A memória, sem dúvida. A memória que nos identifica (Soares, 2004). É esse eterno apego a memória, esse espaço, por excelência criado para que se possa construir uma alternativa à realidade. Essa é uma marca de Luandino, onde a literatura se veste de alternativa para os caminhos libertários e de inevitável apelo a construção da identidade local através da linguagem no local (cidade) e no tempo - memória (infância).

“Cidadicidade” - A Idade da Cidade (em “si”) - A cidade da infância

Nada é mais inabitável do que um lugar onde se foi feliz.

Cesare Pavese

O espaço de uma Luanda dos *musseques* projectada como lugar de partida de todas as estórias, de uma projecção de centro do mundo onde as “sabenças” e o conhecimento popular marcam e identificam um tempo e um espaço específico na

memória e no desejo, com uma pitada de saudosismo retratado em imagens a Luanda dos anos 40 e 50. É notório perceber, após o primeiro contacto com a obra de José Luandino Vieira, que o autor se refere, narra, descreve, conta e canta sobre uma cidade marcadamente sobre um espaço urbano, um estudo espacial da “urbanicidade” especial da cidade de Luanda. As marcas, o cheiro e a cor de Luanda são sem dúvida o espaço por excelência, o aspecto de fortes registros na obra literária de Luandino Vieira. Não seria por acaso que essa obsessão por Luanda retractasse desde a sua primeira obra já essa característica, pois pouco após 1957, data primeira edição de *A Cidade e a Infância*, Luandino Vieira é preso pela PIDE por acusações anticolonialistas.

A Luanda que deixa marcas em Luandino é de uma Luanda utópica, uma cidade que já não existe mais, quiçá só existiu vista dos olhos de Luandino marcados por um querer ver um tempo, a infância na Luanda presa no passado. No livro *A Cidade e a Infância* a Luanda é identificada como um espaço distorcido diante da presença do colonizador o que Luandino bem representa em vários diálogos e ambientações dos espaços de uma cidade ferida alimentando e bem situando um espaço mapeado sob diferentes figuras ficcionais.

A Luanda do povo colonizado, dos *musseques*, era tratada pelos colonizadores como uma espécie de portugueses de segunda classe, estava rasgadamente exposta uma diferenciação e o que mais acentuava disparidade era, entre outros aspectos, a étnico-racial, enquanto factor genético mas principalmente como determinante social.

A Cidade e a Infância de acordo com alto teor de participação através das dez estórias comportadas no livro, realmente implicam o reconhecimento da existência de uma infância vivenciada num local específico, numa cidade. Esta mesma cidade conduz o leitor para dois espaços distintos, uma cidade dividida em duas, a duplicidade da cidade. Uma cidade remete-nos a um espaço branco “que se ergue

sob o asfalto negro”, a cidade de ferro e cimento, de prédios e demais aspectos e contextos marcantes para designar o espaço construído e carregado de simbologias coloniais de opressão social e hierarquização racial. Já a outra cidade, a cidade dos *musseques*, cenário muito mais presentes que emoldura o contexto das narrativas do livro, apresenta-se como uma cidade de pau-a-pique e zinco, de “areia vermelha”, das amizades, brigas, bailes, enfim, de memórias. O espaço de separação entre uma cidade e a outra é a zona de fronteira, uma “fronteira do asfalto”.

Dessa forma, a construção da identidade da cidade de Luanda acompanhada dos aspectos fundantes de sua história, é marcado no período inicial da literatura de Luandino através de uma cidade híbrida, quase, dupla de tão diferente. Luanda é essa aproximação de espaços diferentes, da mescla de espaços distintos propícios a uma “*cidadecidade*”, ou melhor, da unidade de uma cidade dupla, um espaço de duplicidade. Uma cidade dupla, dividida. O contexto no qual a ficção dos contos propõe para o espaço narrado, apresenta duas cidades. Uma cidade de cimento e uma cidade de pau-a-pique. Uma branca (colonizadora) e outra negra (colonizada). Ambas convivem em meio a um espaço de divisão étnico-social, um espaço de exclusão.

No relato das estórias é possível sentir a proposta de introdução do leitor junto aos espaços sociais de Luanda, aproximar-se dos artifícios formadores de sua identidade, da Luanda dividida, fictícia, da Luanda da infância (familiar), que não há mais nem nos concretos nem nas areias. É através desse espaço que Luandino propõe revelar uma cidade dividida. A cidade de Luanda e suas mesclas sociais, onde “o mestiço luandense realizava uma mobilidade física ascendente numa trajectória social e económica descendente. Todavia, a pequena burguesia africana, composta por mestiços e ‘assimilados’, florescia entre os fins do século XIX e a primeira metade do século XX, estabelecendo as bases de uma cultura aculturada que continuaria até os nossos dias” (Hamilton, 1981: 51).

O presente e o passado entre espaços. Luandino percorre os mais diversos campos da memória para trazer a tona o passado, a ternura do antigamente que não existe no presente mas cabe a esperança fazê-la florescer para o futuro.

Bem destaca Russell G. Hamilton, ao observar a separação dos espaços, da cidade, inicialmente através da dedicatória do livro em estudo: “[...] a colecção de contos, com a dupla dedicatória, ‘Para Ti, Luanda’, ‘Para Vocês, Companheiros de Infância’, inicia a carreira do jovem escritor como codificador daquelas partes da cidade além d’ ‘A Fronteira de Asfalto’. Implícito nesse título e no conto que introduz, há o processo contra a cidade europeizada, o qual por nostálgico e inocente que fosse, em nada podia agradar às autoridades coloniais. Este volume, que é um tipo de hino à cidade criouloafricana [...]” (Hamilton, 1981: 130).

Notoriamente em muitas das estórias de *A Cidade e a Infância*, de tão contagiante que são as referências do espaço e do tempo da infância, inevitavelmente podemos deixar de ouvir os cantos, as músicas dos bailes no Kinaxixi que adornam os cenários de Luanda. A cidade de Luandino esteve e sempre estará em “si”.¹³

“Infanticidade” - A Idade da Infância (em ‘dó’)¹⁴ - a Infância na Cidade

Ele despertava em mim todas as imagens da minha infância. Por isso eu sorria, com um sorriso que o tocou.

José Luandino Vieira (1977: 65)

No livro, a Infância alterna momentos inaugurais da vida entre o prazer e o descontentamento (decepção) da própria vida. É dessa balança e dessas memórias que surge a literatura de Luandino através do livro *A Cidade e a Infância*, apresentando um estilo que fazia emergir aspectos edificadores da identidade do tempo em que Luanda fazia brotar as primeiras marcas, o aguçar das percepções dos

sentidos, imagens, sons, cheiros, sabores, conselhos e estórias. A infância que não se corrompe e não se vende em troca de outro tempo está fortemente presente em todas as histórias do livro, sempre recorrendo da memória em diversos aspectos. Um tempo próximo de uma realidade distante, quase inexistente.

O grande desafio em *A Cidade e a Infância* que seguir marcando presença nos demais livros da obra de Luandino é o lançamento para o desafio de uma observação temporal, de um tempo preso a um espaço, recorrente não apenas na obra mas principalmente no homem José Luandino Vieira.

Através das diferentes temporalidades que marca profundamente o espaço da cidade de Luanda, as acções relatadas nas estórias do livro *A Cidade e a Infância* não estão isoladas nem muito menos aprisionadas no período do surgimento do livro. O tempo ou a idade da infância na cidade (*infanticidade*) ganha um contexto plural e actual. Segundo Hannah Arendt, as acções "conduzem inevitavelmente a uma sequência de eventos que formam uma estória que pode ser expressa através de uma narrativa inteligente no momento em que os eventos se distanciarem no passado." (Arendt, 1988: 121). Esse distanciar do passado, faz do livro *A Cidade e a Infância*, ainda que lançado pela primeira vez em 1957, de grande actualidade política no que diz respeito a tentativa de revelar as marcas das diferenças sociais presentes em Angola ainda estão presente na Luanda de hoje, através de uma temporalidades superpostas. Daí a infância sempre presente na idade de Luanda e que bem está representada no título e nos ideais do livro em estudo, como um sinal de que, assim como a cidade, a Luanda pensada por Luandino nasce e morre a cada dia. (Re)nasce da esperança e das alegrias da idade da infância e morre a cada exercício de hostilidade com a intervenção da idade colonial.

Não distante da realidade histórica nem da ficção presente nas estórias de Luandino, a Luanda de *A Cidade e a Infância* aponta para um tempo de grande marca de repressão cultural e política provocando uma ferida social produzindo nas colónias

uma espécie de disfarce para encobrir o desenvolvimento local. Tal ferida (até então) não foi sanada pelo tempo.

4. Análise das Estórias do Livro *A Cidade e a Infância*

A intertextualidade observada nas estórias do livro em estudo traz da ficção muitas verdades, principalmente diante do desejo de denúncia que marca as características de uma literatura perspectiva pós-colonial. Sobre esse aspecto, o relacionamento do autor de *A Cidade e a Infância* ganhar um ar não apenas de espectador mas também de actor, personagens das estórias. Sobre esse posicionamento dos autores perante suas obras, Anne Sletsjoe comenta: “Como leitores suspeitamos que um intelectual angolano de ascendência portuguesa, não será, nem dentro da ficção nem fora dela, considerado porta-voz legítimo da história (recente) de Angola, que, afinal, não lhe é concedido a autoridade de descrever e analisar a desgraça angolana”.

Analisar as estórias registradas no livro *A Cidade e a Infância* é iniciar um exercício que marca profundamente a continuação da obra e da vida de José Luandino Vieira. Ou seja, no caso de Luandino, vida e obra se entrelaçam, registrando nas páginas e na pele a história de luta pela independência de Angola. Os anos seguintes após as primeiras tentativas de publicação de *A Cidade e a Infância* registram o sofrimento, a perseguição de graves consequências pelas denúncias e registros de sua militância política e estilo literário.

Quando não lhe é concedida autoridade para falar, em se tratando de denúncias sociais, Luandino inicia uma escolha pelas margens e rompe estruturas para contar o que salta dos diferentes espaços de Luanda e que merece observações das propostas e do perfil colonial imposto por Portugal para a cidade colonizada de Luanda. Dessa forma, ler Luandino implica desarmar-se da formalidade de uma literatura tradicional coberta pelos estilos e estéticas formais. É um prazeroso

exercício de penetrar num universo de contra vias da história e através das histórias e suas marcas coloniais.

O livro *A Cidade e a Infância* é regado por uma linguagem diferencialista que nas obras seguintes também acompanhará o estilo literário de Luandino, através da ironia, da sátira e de muita verdade, convida o leitor a um passeio pelo cenários sempre muito próximos da vivacidade que revela seus personagens. Apesar da ficção, *A Cidade e a Infância* é um livro em que o autor está muito presente da realidade, não apenas conta, narra as histórias, mas sobretudo viu-as acontecer. É sobretudo um livro para ser lido descalço, ao natural, para perceber como o caminhar dos contos, seus detalhes e observações conduzem o leitor a se fazer presente, a caminhar com o contista (ficcionalista) pelas histórias. Segundo Lenirce Sepúlveda “Tecer com Luandino: aventurar-se ao novo, recusar padrões, elaborar uma estética ainda mais sofisticada daquele que se deixou capturar pela beleza” (Sepúlveda, 2000: 209).

Permitir espaço para a beleza simples acompanhadas de vírgulas de saudosismo e a liberdade para uma voz angolana crítica, são os principais elementos que passeiam pelo conjunto de dez contos presentes na o livro *A Cidade e a Infância*.

Observações das histórias do livro *A Cidade e a Infância*

- Senta aqui meu filho, eu vou te contar uma coisa.

José Luandino Vieira (1977: 121)

Na primeira história do livro *A Cidade e a Infância*, “Encontro de acaso”, logo é apresentado o estilo narrativo que aparecerá em outros momentos, em outras histórias do livro em estudo. A marca e estilo em que Luandino narra sempre fazendo referência de um tempo e um espaço de partida dos contos é recorrente para revelar e justificar o resgate da memória dos tempos de infância em Luanda. Em “Encontro de Acaso”, fica desenhado o espaço que ainda permitia o reconhecimento das

amizades de infância. Uma infância que nem as desgraças da vida e nem a distância poderiam separar. É essa louvação à infância e aos amigos que bem aparece na primeira estória do livro, assim como em outras que veremos a seguir, um espaço por excelência que justifica a dedicatória do livro.¹⁵

Um encontro de acaso. Um encontro cruel que me lembrou a meninice descuidada.

Ele, eu e os outros (Vieira, 1977: 61).

Segundo Laura Padilha, “o jogo do nós e dos outros já não se dá entre o dominado e o dominador, percebido como o estrangeiro, mas entre o próprio e o seu igual, só que em lados excludentes na arena política da dominação” (Padilha, 2005). Esse jogo, que tão bem actualiza os aspectos que perduram essa relação entre “eu” e o “outro” no espaço de Luanda deixa sua marca logo na estória de abertura de *A Cidade e a Infância*. É sobre esse “outro” que Luandino tenta ao longo do tempo desmistificar. O outro espaço, o outro tempo o outro fora de mim ou como bem denomina Laura Padilha “o outro da sabedoria”, um conhecimento que é ainda ocultado ou impedido de materializar-se nas marcas de construção da identidade de Luanda.

As marcas e a presença desse “outro” que faz referencia e conduz a estória de “Encontro de Acaso” que modifica e diferencia os espaços e o ritmo do tempo constitui-se num forte elementos que bem contextualiza os aspectos identitários dos *musseques*. O cenário do Kinaxixi, de convívio com os sardões¹⁶ e pássaros, das brincadeiras e diversões nos bailes de domingo, das melodias tocadas de boca onde o vinho palhete¹⁷ convida as conversas, de toques de olhares que o tempo não apaga da memória e deixa presente na saudade na construção de um espaço verdadeiro de amizade e liberdade.

“Mas tudo modificou e só a ferida feita pela memória persiste ainda” (Vieira, 1977: 62)

Ainda que com a intromissão colonial dos espaços de ruptura da harmonia antes conhecida na infância, a memória traz, resgata a lembrança das amizades.

Cada um com a sua cela nesta imensa prisão. As varias memória seladas num passado de impedimentos para o presente. Os diversos caminhos dos muitos companheiros de aventuras (*ibid.*: 62).

Toda a análise estará voltada para o espaço, para essa *cidadecidade* que mencionamos a anteriormente. Uma cidade de uma infância - da *infanticidade*. Uma cidade existente em dois momentos: na liberdade do passado gozado pela infância e na memória do presente aprisionado pelo passado. O cenário de um encontro de acaso, recorre também para um encontro com a memória, do gosto pela imaginação, de um exercício pela recomposição do espaço. De um espaço que já não há. O consolo para a alma através das lembranças libertárias da infância, dos amigos, das aventuras. A estória que abre o compêndio de contos narra um reencontro com o passado, com um tempo de infância marcada por um espaço, o local que cria identidades, porém aponta limites das aventuras e da liberdade com a separação da vida e das amizades com o passar do tempo e a modificação dos espaços.

Na estória seguinte, “O Despertar”, o autor chama atenção para as mudanças diante de contextos sociais na vida de um homem. A solidão e os espasmos de felicidade diante da contextualização de dois espaços, de espaços de ruptura. A urbanidade presente no conto produz um ambiente de descontrole do vício de consumir, a cidadania apartada pelo nível de consumo. A falta de cuidado da vida da cidade de cimento, as ilusões éticas, a falsa alegria, a masturbação da felicidade. Um sistema colonial que vende vidas roubadas.

Talvez a liberdade. A solidão. O prazer de se encontrar só, de poder contar só com ele. De começar aquele jogo emocionante de luta do Homem com a Vida. Até ali não vivera (*ibid.*: 70).

As marcas da infância e a diferença da vida do agora também remetem este conto para um espaço que mais uma vez o autor faz forte referência.

De pequeno, sonhos de brinquedo a brincarem no coração, pasta a tiracolo, a escola. Depois o Liceu. Momentos de alegria. Mas com o Tempo veio o conhecimento dos factos e dos homens (*ibid.*: 70).

Que o arrancavam do bairro tranquilo de ruas de barro vermelho e o levaram para a agitação das luzes e da espuma das bebidas (*ibid.*: 72).

Toda a lição da vida fora bem estudada (*ibid.*: 75).

O despertar esta aqui também muito representado de maneira bem pontual com a evocação do despertar da identidade angolana ao descrever e bem representar o espaço e as lições de convivência dos *musseques*, do bairro tranquilo e dos momentos de alegria.

A estória “O Nascer do Sol” pinta um cenário tão harmoniosamente bem ambientado que o leitor pode sentir o cheiro do momento narrado, por os pés descalços e sentir a terra vermelha. Para tanto Luandino evoca a simplicidade, pede presença e convida ao descomplicar da vida, lambuzar-se na areia vermelha e provocar marcas, manchas eternas das “nódoas de caju”. Assim como os cajus, as goiabas e as demais frutas de quintal, a estória lembra um tempo de um

amadurecimento da infância fazendo amadurecem também outros desejos, a sexualidade como a descoberta de fruta madura ainda na Infância.

Mas o Sol nasceu varias vezes as goiabas amadureceram nos quintais (Vieira, 1977: 82).

No outro dia o Sol nasceu. E havia nos olhos dos garotos a caminho das escolas, misturado com a antiga expressão ingênua, um brilho malicioso de sexualidade (*ibid.*: 87).

A descoberta e a penetração de outros e novos espaços. Novos gostos, sabores, sonhos, todos eles persistente de continuar sonhando, de acreditar que aquele passado das infâncias ainda pode voltar.

Forte também é identificar inacabado das construções como palco das brincadeiras de infância onde os prédios, antes de se tornarem prédios, serviam para edificar amizades. “O Nascer do Sol” é uma das estórias que enaltece os prazeres da *infantidade*, da idade da infância experimentada, aproveitada e vivida da e na simplicidade. Tal simplicidade é representada na estória através das rimas das falas brincantes:

Sapateiro remendeiro

Come as tripas do carneiro...

[...]

Três

Maria Inês

Um pulinho prò chinês

Outro prò landês!

(*ibid.*: 79).

Por trás da ficção, a realidade salta aos olhos do leitor ao denunciar, ao longo dos diálogos presente nas estórias de *A Cidade e a Infância*, a relação entre opressor (colonizador) e oprimido (colonizado) marcadamente em Luanda, mais precisamente, nos diálogos da estória “A Fronteira de Asfalto”.

Quando eu era o teu amigo Ricardo, um pretinho muito limpo e educado, no dizer de tua mãe? (Vieira, 1977: 93).

A descoberta de que as relações e a vida na infância são sempre mais igual, sem tantas diferenças. A diferença que se inventa para separar. Em “A fronteira de Asfalto”, o autor vai atenuar uma relação entre duas crianças. Uma branca (Marina) de forte simbologia colonizadora e uma negra (Ricardo) que crescem juntas e passam pela infância convivendo amigavelmente. A diferença se estabelece com o tempo, o avançar da idade assim como a penetração nas estruturas sociais transformam uma relação com fortes intervenções da sociedade branca colonizadora. Atingem a adolescência e a pressão social de uma relação entre brancos e negros obriga a presença da diferença descabida presente através da simbologia da fronteira, *a fronteira de asfalto* como espaço visível que delimita a divisão de espaços entre os bairros brancos e os *musseques*. O espaço da fronteira de asfalto é uma forte referência as transformações sociais estruturantes no contexto urbano de Luanda. O asfalto como marca do crescimento, progresso, desenvolvimento que implica uma forte separação de espaços, histórias, e valores sócio-culturais. É um jogo de representações entre o lado colonial branco e o distanciamento da igualdade do negro, do “outro” oprimido. A cor negra do asfalto presente nas vias e no acesso dos bairros brancos, também faz uma referencia, de certa forma, na submissão de cores e raças, onde o branco caminha, pisa ou ergue-se as custa do negro rente ao solo, servindo de base, sustento do branco. “A Fronteira de Asfalto” marca a leitura de um

espaço de travessias, ruptura entre diferentes espaços e de formação de identidades distintas, com referenciais culturais diferentes.

Virou-se os olhos para o seu mundo. Do outro lado da rua asfaltada não havia passeio.
Nem arvores de flores violeta. A terra era vermelha (Vieira, 1977: 93).

As representações e associações semânticas também aparecem nessa estória e marca profundamente o conto que apresenta uma trágica história envolvendo a dicotomia desses sentidos de dominação e opressão através dos personagens Marina e Ricardo. Aliás, a própria representação do nome Marina já sugere uma interpretação trágica, de grande associação com o Mar, o mesmo mar que trouxe os colonizadores por um lado e por outro conduziam os negros a escravidão. O narrador do conto vai premeditadamente apresentando aspectos que irá conduzir uma tragédia trazida com a diferença de dois mundos tão próximos na idade da infância e que se apartaram através de uma imposição colonizadora.

O conto termina de maneira mais ou menos esperada de uma tragédia quase que anunciada pelo narrador. A morte de Ricardo, a morte de mais um negro. Em meio a muitos simbolismos o conto mesmo diante das seguidas tragédias faz questão de deixar uma mensagem de resistência. Essa resistência que marca o desfecho trágico do conto está representada pela árvore do cajueiro, símbolo do partido da MPLA. Diante de todas as tragédias os cajueiros estão firmes, atentos e vigilantes, resistindo e esperando o momento para que possam voltar a surgir embebidos de esperança.

Ao fundo, cajueiros curvados sobre as casas de pau-a-pique estendem a sombra retorcida na sua direcção (*ibid.*: 97).

A proximidade da morte abre o enunciado de lembranças no conto que dá título ao livro. Em *A Cidade e a Infância* o cenário é composto através das marcas em torno das pessoas que alimentavam o clima e davam vida, cores aos personagens, os habitantes dos *musseques*. Diante dessa pintura, o conto é marcado pelas pela identidade de um espaço comum, pacífico e harmonioso, rompido com a intromissão da nova roupagem urbana com as construções, os edifícios. Erguem-se novos espaços, mudam-se nomes de ruas e transforma-se a aparência e a identidade da cidade.

É uma estória sonora, um retrato da composição da cidade dual. A lembrança de várias passagens acordadas pela memória. Feridas que ainda estão abertas diante de uma doença que a tormenta pela distância do tempo que em se vivia de maneira saudável em todos os sentidos, sem contaminação colonizadora. Agora, as febres da vida, os riscos, as náuseas, o desconforto da saúde social.

Hoje muitos edifícios foram construídos. As casas de pau-a-pique e zinco foram substituídas por prédios de ferro e cimento, a areia vermelha coberta pelo asfalto negro e a rua deixou de ser a Rua do Lima. Deram-lhe outro nome (*ibid.*: 103).

O saudável convívio da infância e os diferentes rumos da vida que provoca a separação de classes através da imposição entre separações sociais e raciais.

Em *A Cidade e a Infância*, quando opta pela narração em primeira pessoa, identifica-se com o espaço histórico-sociocultural e compromete-se com o seu discurso; e pelo ponto de vista do personagem Zito, pelas suas evocações de meninice, convoca o leitor. Levando-o a confrontar-se com o drama da dominação e com a luta do dominado para sustentar a africanidade: Assim, as brincadeiras infantis anunciam fatos ligados ao jugo colonizador e os anseios e ações dos personagens adultos estão sempre conectados às vivências dos mesmos. O presente é apenas o fio de mediação entre passado e o futuro, e, no embaralhamento destes tempos, a narrativa faz-se *poesis* e ganha estetização. (Sepúlveda, 2000: 210).

Esse embaralhamento de tempos, que bem aponta Lenirce Sepúlveda, dita a estética e o drama pela defesa da identidade local, de uma africanidade que se sente rasurada com a presença colonizadora. A identidade do local que perde sua identidade pela desfiguração da sua forma. Aquilo que marca e identifica um tempo, uma vida, uma idade, se transveste e perde o sentido original. A ruptura desse ambiente está muito presente e denunciada nessa estória através das passagens:

Rodeados de cubatas capim e piteiras, era assim o musseque Braga, onde hoje fica o luminoso e limpo Bairro do Café (Vieira, 1977: 104).

Lembra-se do dia em que o pai o ensinou a ler a primeira palavra. Na “Província de Angola” escrita em letras grandes: GUERRA (*ibid.*: 104).

Sonhos de papel de seda, levantados contra o céu azul, com a criançada boquiaberta cá em baixo, hoje, quando ele não é mais que um papagaio de papel que se embarçou, que se rasgou nos grandes ramos da árvore da vida (*ibid.*: 106).

deitados na areia amarela das construções modernas crescendo sobre o terreno onde dantes havia casas de pau-a-pique, ficavam assim pelo entardecer dentro, enquanto as meninas brincavam nos quintais ao giroflé flé flá” (*ibid.*: 108 - 109).

Viu a morte diante dele muito tempo. No delírio febril tudo lhe veio à memória. Tudo tinha cor e vida. Agora apenas recordações baças, bonecos desarticulados, mexendo-se no vácuo da imaginação (*ibid.*: 115).

A Infância aparecia diluída numa cidade de casas de pau-a-pique, zinco e luandos, à sombra de frescas mulembas¹⁸ onde negras lavavam a roupa e à noite se entregava (*ibid.*: 116).

“Bebiana” é outro típico exemplo de como o autor desenha a identidade de mais uma cena típica de Luanda, dos *musseques* através dos bailes de baiões e mambo, regados por alegrias e histórias. Um espaço de todos e para todos que ali conviviam. Nessa estória Luandino vai compondo um espaço sem grandes riquezas de detalhes, como lhe é de costume, mas com uma riqueza de espírito entre os personagens de sorrisos abertos e olhos ternos, resgatando a alegria. É a alegria vista e curtida da alegria dos outros, sem espaços para invejas de alegrias alheias e individuais. Aliás o retrato marcante dessa estória é a figura dos *musseques* como o espaço que sempre não se permite individualidades.

O conto é forte a presença da cidade do antigamente, mas que esse antigamente ainda por lá vive escondida e pronta para passar pela sua porta que a revelará perante ela mesma. A cidade já não se conhece nua. Quiçá vestida de uma outra cidade. A cidadecidade. A cidade da idade dual. Cimento e pau-a-pique. Edifícios e Zinco. A verticalidade das construções e a horizontalidade das emoções. A cidade que sofre com as mudanças coloniais. A cidade que representava a alegria e as memórias felizes e saudosas da infância nos *musseques*.

O conto intitulado “Marcelina” inicia-se em meio a um desentendido, algo que naturalmente vai identificar a cena de uma discussão em meio a uma festa, quiçá muito natural e corriqueiramente na cidade de pau-a-pique. As festas, as confusões e desentendimento têm sua ruptura de inquietação do tempo ao descrever Marcelina dançando.

Fiquei a olhar o aspecto sujo e pobre de tudo aquilo. Alí onde a criança dormia, a cama da mãe. A cama da sua vida de mãe prostituta (Vieira, 1977: 130).

Marcelina veio para mim e os olhos e os dentes e todo o corpo jovem ria. Quebrava-se pela cintura quando falava, e os pequenos pés descalços tocavam o chão em desenhos caprichosos (*ibid.*: 131).

A mescla das raças, a mestiçagem volta a marcar aspectos da identidade do povo e dos que crescem na cidade de pau-a-pique. E essa mescla quase sempre tem o branco como comparação de algo inatingível pelo simples fato da cor da pele colonial e das humilhações vindas dessa mesma cor.

Homens que trabalhavam toda a semana na Baixa e que ao sábado gastavam todo o dinheiro nas lojas dos brancos, em vinho e cigarros. Gastando-se numa vida sem perspectivas, sem janelas abertas. Mas era o único divertimento acessível. Era a única maneira de se desferrarem de uma semana inteira de humilhações (*ibid.*: 132).

É nesse contexto de humilhações e vulnerabilidade que as mulheres padecem de maior sofrimento, merecedor do desgosto na interpretação do autor ao ensaiar o porvir dessas mulheres dos *musseques*.

Olhe para ela e pensei na vida sem esperança, dela e de outras mulheres, costureiras ou empregadas de fábricas que se davam para os brancos para conseguirem melhoria de vida (*ibid.*: 133).

A alegria sentida no analisar das vidas das mulheres dos *musseques* é aqui percebida como uma falsa alegria, um sentimento oco e repentino. Diante de tudo o que foi apresentado no conto, seu desfecho, não poderia terminar de outra maneira. A raiva. A indignação de uma condição criada através das diferenças raciais, desencadeando as diferenças e as mazelas sociais. O protesto das canções ganha o ambiente do conto já que a limitação do sistema não permite algo, por enquanto, mais forte e justo.

“Faustino” é uma estória de protesto, onde invoca muitos momentos de inferioridade o que marca o espaço de Luanda pela insistente diferença.

Flores são flores, não são de uns nem de outros. São de todos. Nascem da terra se os brancos plantam ou se os pretos plantam. E não nascem mais bonitas por serem plantadas por brancos (Vieira, 1977: 143).

Talvez o enredo evolutivo da estória de “Faustino” venha a ganhar uma conotação representativa do momento onde Luandino indirectamente manifesta uma ideia, através da situação de subserviência e servidão de Faustino como representação de uma Angola perante o poder colonizador. Na raiva e na rebeldia de “Faustino” pode-se encontrar parte do que está representado no momento histórico que marca a Luanda de finais da década de 1950. O desejo do autor de ver a reacção de “Faustino” para não construir um futuro, e sem encontrar forças para lutar no presente contra a opressão do regime colonial. “Faustino” é o exemplo do eterno esforço em busca de uma vida melhor e diante de um regime que exclui e diferencia. É dessa desigualdade social que nasce a explosão para a libertação. A rebeldia diante da negação da vida surge a revolta contra um sistema opressor e sem iguais oportunidades diante de um espaço de distâncias. É a Luanda fracturada e a diferença provocada pela condição colonial que oculta e oprime os seus filhos legítimos.

Em “Quinzinho” vê-se uma infância de sonhos e desejos que empresta rosto, coração e sobre tudo o suor dos muitos os que se enxergam representar como uma falsa parte frágil de relação trucidante com a máquina, o sistema. A vida que serve para alimentar a ganância do mundo. A Luanda que serve para o sustento dos outros e esquece os seus. A máquina que consome o homem, o trabalho que ganha a vida de muitos em troca do lucro de poucos.

Operário não pode sonhar, Quinzinho, não pode. A vida não é para sonhos. Tudo realidades vivas, cruéis. A luta com a vida (Vieira, 1977: 149).

A vida em luta com a máquina, uma máquina colonial. Uma relação que só quem consegue se esquivar da máquina é a poesia. A poesia e seu incansável exercício de transcendência. A prática poética e a lembrança que jamais haverá de se curvar à morte. Uma vida que não se interrompe com a morte. Uma vida que utiliza a morte para que dela possa se plantar a memória e o surgimento de outras vidas. Uma morte que mais bem parece uma vida plantada e que dará frutos e flores no futuro.

É notório a percepção que a figura marcante que divide e até certo tempo destoa as alegrias da vida simples, as cantorias, os amores. A figura do branco como é colocado nas estórias identifica claramente a presença colonial nos cenários de Luanda. A Luanda que o colonizador escolheu para separar espaços. Por outro lado, o branco as vezes pede licença para resgatar momentos de magia e gozo máximo da alegria e amizades quando colocados os pés de brancos nas areias vermelhas. A narração de um branco desprotegido e fiel às amizades dos *musseques*.

Na última estória do livro, em “Companheiros”, a figura de Negro João, Armindo mulato e Calumango adornam as cenas de uma vida de lembranças difíceis, de luta pela sobrevivência mas amparada pela amizade e que bem baptiza a estória de “Companheiros”. Os aspectos de convívios e amizades baixo uma cena corriqueiras do quotidiano que revela a amizade de infâncias e já a notória percepção da inferioridade da cor imposta pelo branco que transformou o espaço dos *musseques* de Luanda na cidade de cimento da Nova Lisboa.

O contexto de dificuldades cria a necessidade de se rebelar, de corromper o sistema, as normas as leis que inferiorizam e excluem. É esse acto de rebeldia que marca o desfecho da história. O descobrir de uma identidade para se rebelar, uma identidade para que vale a pena arriscar-se um pouco mais. Uma identidade que apesar do risco, vale a pena não ter medo.

Nova Lisboa amante abraçando-se, esmagando-os e repelindo-os (Vieira, 1977: 157).

Palavras que faziam de todos os portos do mundo, portos de todo o mundo (*ibid.*: 158).

Ofício dele é mecânico, mas sabe tudo (*ibid.*: 160).

Passar pelos aspectos marcantes que fazem de Luandino um evidenciado autor no quadro da produção literária angolana, passar os olhos por suas obras é deixar-se conduzir pelo autor aos convites de conhecer as belezas dessa idade crioula, e porque não dizer de uma *crioulidade*. Um exercício de originalidade, sensibilidade e urgência em externar a realidade e condições de diferenças que marcaram a construção dos espaços em Luanda decorrente do momento histórico carregados de signos de resistência.

5. (In)Conclusão

Simplemente, é dos livros. A subterrânea força libertadora da inteligência nada pode deter. Nem a polícia, nem a censura, nem qualquer outro tipo de opressão ou repressão é capaz de suprimir o crescimento da consciência revolucionária.

Manuel Ferreira (1977: 12)

Quase 50 anos após o primeiro experimento de publicação de *A Cidade e a Infância*, muitos aspectos presentes no livro, fruto da insistência e feliz memória de Luandino, denunciam, ainda hoje, que as feridas coloniais em terras de Luanda não estão fechadas. Luanda ainda reflecte cenas de uma história que agudizam inflamadas e

profundas cicatrizes que inevitavelmente é percebida seja nas estórias registradas no livro publicado em 1957, seja nos jornais da actualidade.

A (in)conclusão do presente estudo não pretende apresentar desfechos rígidos e precisos a cerca do livro *A Cidade e a Infância*. O estudo deste foi bem mais de um deleite, prazer e gozo em primeiro conhecer uma realidade tão embebida pelo grau humanístico e social que não caberia balizar num modelo fechado dos aspectos das identidades (no plural) de um tempo e de um espaço sobre *A Cidade e a Infância* da Luanda grande de José Luandino Vieira.

Esforçar-se para visualizar os aspectos da construção da identidade entre os personagens que passeiam por uma Luanda grande, de vastos espaços e de tempos profundos está também presente nos recursos que o autor-narrador utiliza através dos ecos de seus personagens. Em especial, presente na estória que dá nome ao livro, *A Cidade e a Infância*:

Cá fora ouvia-se o ruído dum automóvel, um Chevrolet antigo, descapotável, que ao passar fazia Zizizizizizi (Vieia, 1977: 102).

Depois de uma casa de pau-a-pique com telhado de zinco onde morava a Talamanca, aquela mulata maluca que fazia as brincadeiras da miudagem com pedradas e asneiras, quando eles lhe saíam à frente puxando pelas saias e gritando

Talamanca talamencaéééééééé

E as vezes passava também aquele negro velhinho, o Velho Congo. E os pequenos negros, mulatos e brancos, calções rotos e sujos, corriam-nos à pedrada, e depois fugiam para a casa gritando

Velo congo uáricooooongooo (*ibid.*: 102).

Martinho, mas ainda não tinha subido vinte metros já estava de fio cortado junto ao nariz volteando louco no ar, com a criançada a correr atrás dele gritando Antum! Antum! Antum! (*ibid.*: 105).

Os fragmentos acima são descrições de um tempo de brincadeiras, da *belezice* onde as palavras ganham sentidos de liberdade para deixarem de ser palavras e se tornarem ruídos, sonoridades bem representadas na *cidadecidade* e na *infanticidade*.¹⁹

Confesso que aceitar as propostas de um estudo que tão ricamente alimenta as interpretações de grandes críticos literários, intelectuais e estudiosos da literatura e identidade angolana, resultou de um grande desafio. Desafio pelo facto da certeza de que ainda falta muito para melhor perceber e registrar a solidez de conhecimentos em outros aspectos enriquecedores que notoriamente serão descobertos na continuidade dos estudos pós-coloniais no espaço da Língua Oficial portuguesa projectados no tempo espaço de Luanda. O propósito do presente trabalho e os aspectos conclusivos que dele emana é fruto de um esforço de aproximação, onde a através da Língua portuguesa torna-se espaço comum porém ainda grande desencontros. Aceitar o desafio de melhor conhecer a obra inaugural e continuar me deleitando nas demais obras de Luandino (assim como me aproximar da literatura angolana), revela o desejo e a comprovação da inevitabilidade de uma nova geografia cultural, onde a lusofonia cria caminhos abertos para ampliar e criar novas relações em busca de reinventar os passos para uma emancipação social contra todo e qualquer dominação colonial.

De maneira muito “afoita” o presente trabalho tentou apresentar e reconstruir o desejo das memórias e dos espaços, do homem angolano livre das marcas da história colonial que tanto feriu aquilo que Luandino quis ver solto, volátil e transcendente. Primeiro por entender que jamais seria possível delimitar uma única história das múltiplas histórias dos personagens e do sonho de sua Luanda. História, assim como histórias, foram muitas e a presente, registrada no presente trabalho, só enfileira uma há mais em um leque de representações que tenta

resgatar os tempos da pré-independência angolana silenciada pelo volante colonizador.

A Luanda da memória, do espaço de *A Cidade e da Infância* é uma Luanda de múltiplas interpretações, porém uma Luanda separatista, reflexo de um espaço que gemia por uma liberdade de sua natureza social. Independente de quem venha a ler *A Cidade e a Infância*, notoriamente descobrirá que o amor maior registrado no livro deve-se muito menos ao amor de Ricardo e Marina ou na solidão de Faustino, mas principalmente ao amor pela liberdade, para a paz e pelo desejo de reviver um novo espaço e um novo tempo onde ainda se pode sentir a *amorosidade* da vida. É grande esforço de Luandino criar esse “novo”, colaborando para apontar novos caminhos de (re)construção da identidade dos povos de Luanda.

As estórias registradas em *A Cidade e a Infância* serviram para o presente estudo, de maneira a identificar os sentimentos da primeira obra de Luandino, sentir aspectos de como o autor introduz características das mesclas identitárias através da escolha de tendências marginais projectadas sobre um espaço regional, local e bairrista como é o caso dos *musseques* de Luanda. A meta, o alvo certamente não fica apenas no espaço ou no tempo. A meta de Luandino, a meu ver, é a humanidade do ser. Notoriamente o exercício de apontar as marcas e os aspectos que contribuem para a construção da identidade do espaço e tempo de Luanda não encontra uma conclusão com este trabalho. É um exercício de continuo acesso para ouvir outras vozes e outras perspectivas ainda que estes tenham que se fazer presente pelo saudosismo de um tempo que constantemente se tenta recuperar através da *infanticidade* da vida ou pela utopia de criação de um espaço desejado e projectado numa Luanda que não se sabe lá onde está. A verdade é que Luandino através de *A Cidade e a Infância*, tece realidades de um tempo e de um espaço onde um quintal luandense e a linguagem articulada, produz um desfile de imagens, sons e movimentos, recriando a realidade através da ficção, (re)fazendo da literatura

angolana cada dia um espaço aberto e um tempo sempre presente de acção e renovação.

O Luandino, escritor hoje consagrado que inicia sua obra com *A Cidade e a Infância*, nitidamente não poderia ser *um* Luandino de Camões.²⁰ Não se apegaria a tão (pouco). O autor de *A Cidade e a Infância* será sempre um escritor de caminhos para um resgate do mundo, para o regresso à infância. Sabemos todos, que na idade da infância as limitações da vida não existem e a idade nos permite sempre recomeçar.

Outro dia observava duas crianças brincando com cartas de baralhos na tentativa de construir casinhas, castelos, apoiando uma carta na outra. Tarefa cuidadosa e delicada, mas em poucos minutos já erguia-se uma pequena pirâmide de cartas. Para decepção das crianças, o vento, não convidado para essa brincadeira, fez-se presente e soprou sobre a pequena edificação de papel derrubando a construção e destruindo a brincadeira das crianças. Para minha surpresa, a beleza da cena se deu ao presenciar quase ensaiadamente as duas crianças, após um momento de profunda tristeza, a frase pronunciada por ambas: “E aí, vamos começar de novo?” E assim recomeçaram mais uma vez e outra e outra. E aquela brincadeira ocupou aquelas crianças quase a tarde inteira. Acredito que o esforço de identificar aspectos da identidade do espaço, Luanda (a *cidadecidade*) e o tempo, a infância (*infantidade*) através do livro inaugural da obra de Luandino é um exercício plenamente explicado através da frase que emoldurou, para mim, a brincadeiras das crianças na cena acima descrita. A capacidade de começar de novo, de recomeçar da brincadeiras das crianças acima. Bem alerta o escritor moçambicano Mia Couto ao afirmar que: “a identidade não existe, é uma procura infinita” (1998). É essa constante busca pela tentativa de moldar a identidade de Luanda que faz do escritor de *A Cidade e a Infância* um eterno (re)começo.

Espero continuar lendo e sentindo e felizmente encontrando nas obras Luandino um mundo simples que busca assim como as crianças cada dia enaltecer essa capacidade de sempre começar de novo. Luandino, que segundo alguns dizem estar fora desse mundo, está certamente muito mais imerso no mundo da simplicidade de construir casas com cartas de baralho.

Pode-se dizer que as estórias compendiadas em *A Cidade e a Infância* e em virtude do conturbado processo de publicação, ganhou um carácter panfletário motivo pelo qual diante da covardia do regime da época venha a contribuir para a detenção de José Luandino Vieira deixando as imagens e a marca do que um pouco tratou o presente trabalho na memória e nas seguintes projecções dos demais livros.

A conclusão mais coerente do presente trabalho assim como o desafio de analisar os aspectos marcantes através do tempo (a infância) e o espaço (a cidade) presente na obra *A Cidade e a Infância*, de José Luandino Vieira é, assim como o exercício de concluir uma identidade, uma tarefa escorregadia, “dançante”, segundo Boaventura de Sousa Santos, de “uma procura infinita” segundo Mia Couto.

Espera-se apenas que assim como na infância, Luandino e as marcas registradas através de suas estórias, contos e romances, nunca possam perder esse encanto de sempre ter a capacidade de começar de novo, nascendo e renascendo e para que o Luandino d’*A Cidade e da Infância* continue sendo o Luandino “da Graça” da vida de Luanda.

¹ *Musseque* [Do quimb. museke, 'quinta'; 'lugar de areia'.] S. m. Angol. Bairro pobre na periferia de Luanda, capital de Angola (África) (Ferreira, 1999).

“Os *musseques* são bairros humildes / de gente humilde” (Neto, 1974: 38).

² A ideia de devir abraça as possibilidades de inter relações entre as partes, um campo aberto possível para a dinâmica do desejo de diálogo, esperança nas subjectividades de diferentes vozes para vitalizar o instituído. Em outras palavras, o devir propõe a conectividade de elementos múltiplos e mutáveis, configurando um exercício de ligações e religações através de ramificações e interligações entre elementos humanos e não-humanos, orgânicos e inorgânicos, próximos e distantes.

³ São elas: “Encontro de acaso”, “O despertar”, “O Nascer do sol”, “A fronteira de asfalto”, “A Cidade e a Infância”, “Bebiana”, “Marcelina”, “Faustino”, “Quinzinho” e “Companheiros”. Porém, de acordo com os relatos que explicam o mistério da primeira publicação da obra *A Cidade e a Infância*, registrados no Prefácio da 2ª edição, Edições 70, em 1977, Manuel Ferreira, revela:

“E vem a ser que há duas obras deste Autor com o mesmo título: A cidade e a infância. Esta que ora se reedita e outra publicada em Luanda em 1957, subscrita por José Graça (i.e. José Vieira Mateus da Graça, de seu nome de baptismo). E se, por um lado, aquela, mesmo para muitos dos admiradores e estudiosos de Luandino Vieira, é desconhecida, a existência da segunda será do conhecimento de uma dúzia de angolanos, se tanto. São, no entanto, duas obras diferentes. Cinco estórias compõem a primeira, dez a segunda. E destas dez apenas uma pertence ao grupo de cinco estórias que são tantas quantas comporta a edição de 1957”. (Vieira, 1977: 18-19).

⁴ [Do quimb. kimbundu.] Língua banta dos bundos ou ambundos (Angola, África); ambundo, andongo, bundo, dongo, luanda, quindongo, e (desus.) língua de Angola (Ferreira, 1999).

⁵ [Do lat. gratia.]S. f. Aqui expressado nos seguintes sentidos: 1. Dádiva; 2. Benevolência, estima, boa vontade; 3. Beleza, elegância ou atrativo de forma, de aspecto, de composição, de expressão, de gestos ou de movimentos. 4. Elegância de estilo. 5. O nome de batismo. 6. Privação, intimidade (Ferreira, 1999).

⁶ 1957 ano da primeira versão de *A Cidade e a Infancia*, apreendida na tipografia pela PIDE. Essa versão teve de ser refundida antes de publicado em 1960.

⁷ Originalmente publicado em 1960 pela Casa dos Estudantes do Império (CEI).

⁸ Epígrafe de *Admirável Mundo Atual* (Buarque, 2002).

⁹ Como foge dos objectivos centrais do presente trabalho maiores observações e análises sobre questões étnicas, cabe, no entanto, aceitar que o conceito de etnia adoptado para Reformular os aspectos da identidade no tempo e espaço da Obra a Cidade e a Infância que emergem da literatura de Luandino.

¹⁰ [Do gr. metaplasmós, pelo lat. metaplasmu.]S. m. E. Ling. 1. Designação comum a todas as figuras que acrescentam, suprimem, permutam ou transpõem fonemas nas palavras; metagrama. Ex.: enamorar <; muito < mui; cuidadoso < cuidadoso (Ferreira, 1999).

¹¹ [Do gr. aphaíresis, pelo lat. aphaerese.] S. f. E. Ling. 1. Supressão de um fonema ou grupo de fonemas no começo da palavra; ablação. Ex.: batina, por abatina; Zé, por José (*ibid.*).

¹² Exemplo de aférese.

¹³ si. Aqui aplicado no sentido de “num plano absoluto; absolutamente; abstractamente”. Porém, este “si” pode padecer de outros sentidos não menos interessantes de serem aplicados no caso de Luandino e na musicalidade de sua obra, aqui destacadamente em *A Cidade e a Infancia*. Lendo a cidade de Luandino em si, esse “si” diante das marcas de fragmentação das harmonias, sons, a divisão dos espaços da Luanda de Luandino que esteve e está em si pode, de boa maneira, também assinalar um si dual. O primeiro através da fonte

de enunciação da vida do autor, “compositor” (Luandino), logo, em si, no sentido de consigo. O segundo de uma existência dessa cidade em si, musical, tendo este si, a conotação da nota musical de arranjos geralmente embalados para um tema triste, dolente e fazendo referencia aos espaços da cidade de Luanda como uma harmonia em si (menor) pelas brincadeiras do tempo de infância. De maneira que a cidade em si possa ser entendida através do homem dentro do espaço e o espaço dentro do homem através da música, da dança dos sentidos.

Si. S. m. Mús. 1. Nota correspondente ao sétimo grau da escala natural (q. v.). 2. Apesar da condenação de muitos, o si - como também consigo (q. v.)- é usadíssimo em Portugal (e, embora muito menos, no Brasil), na 2ª pess. Em si. 3. Desacompanhado de quaisquer circunstâncias; num plano absoluto; absolutamente; abstractamente (Ferreira, 1999).

¹⁴ Sentindo a representação do tempo, assim como a cidade em “si”, Luandino procura apresentar uma infância em dó, também dual: primeiro no sentido de (1) comiseração, lástima, compaixão; (2) tristeza, mágoa, dor, luto; segundo, sem perder o viés das lembranças musicais da infância em Luanda, a infância em dó, referencia (novamente) da nota musical de arranjos musicais. A diferença do si da cidade e o dó da infância é que esta representação da nota musical na infância é um dó (maior) que ainda permanece no autor e pode ser facilmente encontrada em outras de suas obras. Um sentimento maior de lástima e tristeza por um tempo que (acho) não volta mais.

dó1 [Do lat. dolu.] S. m. 1. Comiseração, lástima, compaixão: 2. Tristeza, dor, luto: 3. Nota correspondente ao primeiro grau da escala natural do modo maior (q. v.) (Ferreira, 1999).

¹⁵ “Para ti LUANDA Para vocês COMPANHEIROS DE INFÂNCIA” - Dedicatória do livro *A Cidade de a Infância*.

¹⁶ S. m. Zool. Espécie de lagarto escuro (*Lacerta viridis*) (Ferreira, 1999).

¹⁷ Vinho Palhete: Vinho tinto leve pouco carregado na cor, clarete. Adj. 2 g. Da cor da palha.

¹⁸ [Do quimb.] S. f. Angol. 1 Árvore frondosa (*Ficus Welwitschii*), de seiva leitosa (Ferreira, 1999).

¹⁹ O exercício de ambientar o espaço através das palavras cantadas ou das sonoridades também estão presente em outras estórias do livro *A Cidade e a Infância*. Por exemplo, na estória “Companheiros”: - Diaáááário de Luanda! Diáááá... (pg. 157).

²⁰ Referencia ao Prémio Camões 2006, o mais importante galardão literário da língua portuguesa, atribuído ao escritor angolano José Luandino Vieira.

Referências Bibliográficas

ARENDRT, Hannah (1988), *Entre o passado e o futuro*. Tradução de Mauro W. Barbosa de Almeida. 2ª edição. São Paulo: Perspectiva.

BUARQUE, Cristovam (2002), *Admirável Mundo Atual: dicionário pessoal dos horrores e esperanças do mundo globalizado*. São Paulo: Geração Editorial.

CARREIRA, Shirley de Souza Gomes Carreira (2003), “A representação do outro em tempos de pós-colonialismo: uma poética de descolonização literária”, *Revista Eletrônica da Unigranrio*, Vol. II, Nº 6, Julho-Setembro (Disponível em: <http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/letras/ensaios.htm#7>
http://unigranrio.com.br/unidades_acad/ihtm/graduacao/letras/revista/numero6.html. Acedido em 11/08/2006).

COUTO, Mia (1998), “Escrita Desarrumada”, *Folha de São Paulo*, 18 de Dezembro.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda (1999), *Dicionário Aurélio Eletrônico Século XXI*, Versão 3.0. Editora Nova Fronteira, CD-ROM.

FERREIRA, Manuel (1977), “A libertação do espaço agredido através da linguagem” in José Luandino Vieira, *A Cidade e a Infância* (prefácio do livro). 2.ª ed. Lisboa: Edições 70.

HAMILTON, Russell G (1981), *Literatura Africana Literatura Necessária, I - Angola*, Instituto Nacional do Livro e do Disco - INALD/ Edições 70.

LORENZ, Günter (1983), “Diálogo com Guimarães Rosa”, in *Coleção Fortuna Crítica* vol. 6. RJ: Civilização Brasileira.

MOURÃO, Fernando Augusto Albuquerque (1993/1994), “O Continente africano: utopia e realidade ao nível dos modelos de explicação - uma questão de método”, *África. Revista do Centro de Estudos Africanos*, 1, pp. 3-22. Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

NETO, Agostinho (1974), *Sagrada Esperança*. Lisboa: Sá da Costa.

PADILHA, Laura Cavalcante (2005), “Cartogramas: ficção angolana e o reforço de espaços e paisagens culturais”, *Alea*, vol. 7, nº 1, pp. 139-148 (Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/alea/v7n1/26123.pdf>. Acedido em 19/08/2006).

RIBEIRO, Margarida Calafate (2006), “E Agora José, Luandino Vieira? Entrevista a José Luandino Vieira por ocasião dos 40 anos da publicação de ‘Luuanda’”, *Portuguese Literary & Cultural Studies*, Special issue "Remembering Angola", October.

SANTILLI, Maria Aparecida (1985), *Estórias Africanas: História e Antologia*. São Paulo: Ática.

SANTOS, Boaventura de Sousa (2004), *Escrita INKZ: anti-manifesto para uma arte incapaz*. Rio de Janeiro: Aeroplano editora.

SOARES, Francisco (2004), “Diferenciação e Identidades” (Disponível em http://www.triplov.com/cyber_art/francisco_soares/identidades/index.htm. Acedido em 17/08/2006).

SLETSJØE, Anne, “Expansão, colonização, descolonização - duas versões literárias dum processo histórico: As Naus de António Lobo Antunes e Estação das Chuvas de José Eduardo Agualusa”, Universidade de Oslo (Disponível em <http://www.ruc.dk/isok/skriftserier/XVI-SRK-Pub/HJCJ/HJCJ08>
[Sletsjoee/#search=%22porta-](http://www.ruc.dk/isok/skriftserier/XVI-SRK-Pub/HJCJ/HJCJ08)
[voz%20leg%C3%ADtimo%20da%20hist%C3%B3ria%20\(recente\)%20de%20Angola%2C%20que%20afinal%22](http://www.ruc.dk/isok/skriftserier/XVI-SRK-Pub/HJCJ/HJCJ08). Acedido em 21/08/2006).

SEPÚLVEDA, Lenirce (2000), “Luandino Vieira: paixão e arte de escre(vi)ver”, in Maria do Carmo Sepúlveda; Maria Teresa Salgado (coord.), *Africa & Brasil: letras e laços*. Rio de Janeiro: Editora Atlântica.

VIEIRA, José Luandino (1977), *A Cidade e a Infância*, Lisboa, Edições 70, 2ª edição.

VIEIRA, José Luandino (1982), *Luuanda*. São Paulo: Ática.

VIEIRA, José Luandino (2003), *Nosso Musseque*. Lisboa: Editorial Caminho.

VIEIRA, José Luandino (2006), *Velhas Estórias*. Lisboa: Editorial Caminho.